

Florianópolis, 10 de maio de 2022

Discurso de Posse do Acadêmico Luiz Alberto Silveira – Cadeira número 35

A filosofia, o conhecimento e a literatura

“O homem, esse curioso, não se satisfaz com o conhecimento do meio em que se agita. Impelido por uma curiosidade instintiva, contempla, perscruta, ausculta, esvurma e punção o abismo hiante que o insula em sua pequenina morada perdida na imensidão do universo procurando conhecer, com ânimo renovado, a verdade fugidia que se oculta sempre além. Levanta hipóteses, sugere teorias, cria sistemas - Tudo em vão! Embora aumente dia a dia a superfície da pequenina ilha do seu conhecimento, verifica atônito que ela nada representa no oceano imensurável do desconhecido”. Nelson de Sampaio Mitke.

“Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas”. Mário Quintana

Senhor presidente da Academia Catarinense de Letras, Acadêmico Jornalista Moacir Pereira,

Senhora Maryanne Mattos, Vereadora de Florianópolis,

Confrades e confradeiras integrantes da diretoria da Academia Catarinense de Letras,

Senhores Presidentes da Academia de Medicina do Estado de Santa Catarina, Confrade Acadêmico Dr. Jorge Abi Saab Neto, da Academia Catarinense de Odontologia, Dr. Mauro Caldeira de Andrade, da Associação Catarinense de Medicina, Dr. Ademar José de Oliveira Paes Jr, do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina, Dr. Eduardo Porto Ribeiro,

Seletos membros presentes que compõem todos os sodalícios acadêmicos,

Confrades e confradeiras, autoridades presentes e ou representadas,

Queridos colegas, amigos e familiares.

Sinto-me profundamente honrado e diferenciado em ocupar esta tribuna para proferir discurso de posse pelo acolhimento, como Membro Titular desta homenageada e centenária Academia Catarinense de Letras, na cadeira de número 35, cujo Patrono é o eminente jornalista e político brasileiro Acadêmico Martinho José Callado e Silva e fundador o escritor Acadêmico Haroldo Genésio Callado, tendo sido ocupada pelo escritor Acadêmico Lydio Martinho Callado e pelo magistral artista plástico e escritor, Acadêmico Rodrigo de Haro ao qual tenho a subida honra de neste momento suceder.

Há em mim um misto de razões com eloquentes sentimentos de gratidão e de indisfarçável orgulho por esta acolhida e pela galhardia que me confere esta oportunidade.

Emocionado, dirijo-me a todos e a cada um, presentes nesta solenidade de posse, com carinho, consideração e respeito.

É conhecido que o conhecimento se dá com a formulação de perguntas, extraídas do senso comum, observando-se o objeto, cujas respostas geram perguntas consequentes que permitem o aumento do saber.

As ciências evoluem com as perguntas e as respostas subsequentes.

Em cinquenta anos no exercício profissional da oncologia clínica tive oportunidade de oferecer respostas que exigiram conhecimentos cada vez mais complexos, surgidos com os avanços científicos, buscando o equilíbrio entre a concretude da ciência e a arte médica, tendo em conta a percepção da subjetividade que envolvia o diagnóstico e a proposta terapêutica.

No desenrolar da história, inicialmente, o conhecimento humano era transmitido de forma oral o que trazia sempre o risco de perder-se em razão das emigrações e imigrações, doenças e mortalidade dos detentores do saber, desinteresse e extinção dos grupos interessados.

Atualmente todo saber é transmitido às sociedades através do escritor, trazendo-lhe grande responsabilidade sobre o teor do que é propagado e, tudo que é repassado, por qualquer meio de comunicação, tem na escrita a base de sustentação das mensagens.

O romance, a poesia, a ficção, biografias, artes, coletâneas, gêneros técnicos e outros, encontram no conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, na literatura portanto, fundamental sustentação no registro da evolução do conhecimento.

O livro físico, com seu perfume, formato, calor, movimento para acolhimento ao peito e ao colo, resiste bravamente à era digital e é possível dizer que se trata de um patrimônio histórico da humanidade.

Do ponto de vista prático e educativo o livro envolve seu leitor num movimento ritmado determinado pela pontuação, aprimora a escrita, a percepção do vocabulário, permite fazer viagens e conhecer locais estando o leitor sentado em um sofá, caminhando no jardim, viajando no trem, ônibus, navio e avião sem o risco de perder o sinal da internet, descarregar a bateria do tablet ou computador, na leitura digital.

A interrupção da leitura, para novas posições de conforto e aconchego ao segurá-lo, torna seu manuseio um balé ritmado pelas mãos.

O livro é “o cara” que não nos deixa sozinhos em qualquer lugar, é o companheiro que podemos abraçar como a um parente, um amigo, um amante, um socorrista.

Atentos à evolução do conhecimento aprendemos com a literatura olhar e ver um pouco mais, ouvir e escutar um pouco mais, sentir a vida um pouco mais, dando-nos impulso à inteligência que aplicada sob a forma de trabalho produz o progresso.

Acostumado a anotar nos prontuários clínicos histórias de vidas, a observar e registrar a natureza que nos cerca, a natureza das coisas e das pessoas, em prosa e poesia, chego até esta Academia Catarinense de Letras onde, em cada cadeira, patronos, fundadores e acadêmicos cultivaram e cultivam a elevação do pensamento e a busca permanente do conhecimento na tarefa literária de salientar os princípios, fatos e feitos, a poesia, o romance, que envolvem sensações e sentimentos na existência humana.

Nos últimos cinquenta anos o conhecimento evoluiu mais do que nos cinco séculos precedentes. Somos o maior cérebro coletivo que jamais existiu e que continuará crescendo continuamente. Winston Churchill afirmou que “impérios do futuro serão impérios da mente”.

Sem o estudioso, sem o pensador, sem o pesquisador, sem o professor, sem o escritor, sem os cidadãos pensantes e ativos não existe futuro.

O belo e o simpático conquistam nossa atenção, porém, todas as grandes ideias, invenções, criações e descobertas, foram e são produtos de atores que entenderam ser nosso destino criar nosso destino, reduzindo o medo do ser humano pelo ser humano, contemplando a fraternidade, a concórdia, o diálogo, o amor ao próximo e o respeito à natureza e suas leis naturais – tudo descrito e escrito para a compreensão dos tempos.

Sou feliz em ser um ativo, contemporâneo dos alcances científicos e sociais, que vive e participa de uma transição no saber que não se acaba.

Até 2100 viveremos, com qualidade, cento e cinquenta anos pelo reparo do gene do envelhecimento e, é inimaginável, neste momento as mudanças que ocorrerão, em nossas vidas, com a aplicação de tecnologias cognitivas.

Os computadores superarão a inteligência humana. Publicações recentes dos escritores Michio Kaku, Domenico De Masi, Yuval Harari e o Novo Iluminismo de Steven Pinker, corroborando em grande parte as publicações de Alvin Toffler na década de 90 e a assustadora ficção romanceada em 1932 por Aldous Huxley em seu “O Admirável Mundo Novo”, trazem a ideia de como viverão nossos netos e bisnetos.,

A singularidade tecnológica, hipótese que relaciona o crescimento desenfreado da superinteligência artificial a mudanças irreversíveis na civilização humana, está em fase de concretização tornando necessário cuidados em relação ao direito à liberdade de fazer escolhas. A Sindemia da Covid 19 já nos apresenta e enfatiza a necessidade de sabermos o significado do que vem sendo alardeado como a “Nova Ordem Mundial”.

Até o final deste século teremos mais poderes para curar doentes, aperfeiçoar o corpo humano, criar formas de vida, entender a natureza e as leis que a regem.

Paralelamente um horizonte novo necessita surgir a partir dos desafios, dos entendimentos, da aceitação conciliada frente à heterogeneidade das percepções, das razões que dão sentido a existência e que nos fazem identificar o que verdadeiramente nos separa do aperfeiçoamento pleno, biopsicossocial, ecológico, ético e moral na condicionalidade filosófica da vida.

Não conseguimos estudar a vida sem concepções, o que torna difícil não haver inclinação para a ocorrência de discussões filosóficas infundáveis, incluindo aquelas relativas às linhas de pensamento político e social. Não há, na percepção atual, a possibilidade dos humanos se libertarem de tendências frente a fatos, feitos ou coisas passíveis de comparações, gerando heterogeneidade de entendimentos. Os múltiplos atores, com exuberante inteligência, adequam-se naturalmente à diferentes concepções filosóficas. Aqueles que conhecem os princípios de uma teoria, porém, sem praticá-la, autênticos mistagogos do saber, oferecem uma flexível retenção aos seus leitores utilizando-se de requintados argumentos defendendo suas concepções ou contradizendo as conclusões de outros.

O estudo aprofundado de matérias abstratas, com origem intuitiva ou surgidas em torneios de discussões, rapidamente tornam-se dialética altissonante dando origem a soberbos resultados fraseológicos que culminam com respeitável construção literária – Kant e Hegel foram extraordinários neste contexto.

Esta é a grande viagem de ida e volta ao ponto de partida que me faz aprender.

Aprendi, com Eugene Gendlin, que “seres humanos não são máquinas de fios soltos ou chips avariados que um cirurgião ideal pode trocar, consertar ou ajustar, retirar e reconectar. Somos organismos interativos experienciais”.

Aprendi, com John Power, que “meus sentimentos são como minha impressão digital, como a cor dos meus olhos e o som da minha voz: únicos e irrepetíveis. Para você conhecer-me é preciso que conheça meus sentimentos. Minhas emoções são a chave para a minha pessoa. Quando lhe dou esta chave você pode entrar e compartilhar comigo o que tenho de mais precioso para lhe oferecer: Eu mesmo”.

Aprendi que é necessário por tudo o que somos no mínimo que fazemos.

Aprendi que aliado ao conhecimento mais abrangente, todos nós, devemos ser simples, autênticos e autodeterminados à felicidade e produzir felicidade.

Aprendi que ninguém sai ileso em um encontro e que os encontros na vida não ocorrem por acaso.

Com os filósofos, pensadores e escritores de todos os gêneros tenho encontrado o significado da materialidade e da transcendência, e, sobre isto, detenho-me na escrita - na filosofia como estímulo à reflexão e elevação e na ciência como conhecimento consolidado. Ambas buscando decifrar a grande utopia que é a verdade, partindo das causas para os efeitos ou dos efeitos para as causas.

Atenho-me com insistência na poesia, na prosa ritmada e em aforismos poéticos que evoluem de minha mente na busca constante de uma sociedade ideal, ainda utópica, baseada em afetos.

Para Laudelino Freire a filosofia é a matriz eterna da ciência do mesmo modo que a natureza o é nas diversas formas que nela se encontram.

Que significado tem o Cogito ergo sum de Descartes, o Nomeno de Kant, as ideias de Hegel, senão diferentes interrogações que não pertencem ao domínio científico?

Assim é a filosofia, hoje quase esquecida em razão da tendência superficial, hedonista de grande parte da sociedade moderna que somente tem tempo para ler sínteses em periódicos, consultas em plataformas digitais e postagens nas redes sociais que podem ser devorados em rápidas refeições.

A história tem sido a história dos grandes homens e das grandes mulheres.

Os arquétipos são verdadeiros fenômenos intermitentes que surgem vez ou outra com nomes diferentes, mas, sempre pautando suas ações por uma linha de conduta uniformemente grandiosa.

Segundo Nelson de Sampaio Mitke, “em todas as épocas a humanidade sofre a atração de um número pequeno de humanos os quais, pela largueza da sua receptividade ou pela qualidade das ideias que encarnam, foram designados para o papel de líderes, influenciadores, dotados de cerebração invulgar, excepcional e até surreal que os eleva muito acima da mediocridade e os torna verdadeiros fatores da história, impulsionando a marca do progresso”.

São inovadores, criadores, necessitando com frequência lutar contra um conservadorismo arcaico que não os aceitam pacificamente. Enquanto as gerações se sucedem no infrene cavalgar dos tempos todos alcançam a imortalidade e continuam vivendo no panteão da história.

Max Nordau o filósofo das Mentiras Convencionais cita que os indivíduos excepcionais, os gênios, conseguem criar o estado da alma e fazer a mentalidade dos seus povos.

Em Atenas, há cerca de 2400 anos, um homem foi condenado a morte por perguntar em demasia. Malvestido, não gostava de tomar banho, feio e inoportuno, Sócrates pode ser considerado o padroeiro da filosofia – era um homem ímpar.

Repetidas vezes Sócrates demonstrou na ágora que as pessoas não sabiam o que pensavam saber e, para ele, no final de uma conversa era um sucesso quando as pessoas percebiam, após o debate de ideias, o quão pouco sabiam.

Sócrates não deixou nada escrito e o que sabemos deste pensador decorre dos registros feitos, por Platão, seu discípulo, denominados diálogos platônicos.

Platão, um escritor fenomenal, era um Shakespeare de sua época que demonstrou o quanto Sócrates era inteligente, exasperado e acirrado. Em 399 a.C., aos 70 anos, Sócrates foi levado a julgamento por Meleto ao negligenciar os deuses atenienses e influenciar os jovens contra o governo. Foi condenado à morte sendo obrigado a tomar um cálice de cicuta.

Aristóteles, foi discípulo de Platão. Sócrates e Platão acreditavam que a verdade só poderia ser alcançada pelo pensamento filosófico abstrato enquanto Aristóteles envolvia-se em detalhes sobre tudo o que encontrava, fascinado por astronomia, história, política

e drama, fundou o Liceu em Atenas, um dos famosos centros de ensino no mundo antigo.

“Como devemos viver” era uma reflexão que ocupava o pensamento de Aristóteles. Sua resposta era sintética: “buscando a felicidade”. Usava a palavra grega “eudaimonia”, traduzida como prosperidade ou sucesso, que só pode ser alcançada na vida em sociedade.

Pirro, outro grego antigo, era um cético contumaz e afirmava que “ninguém sabe nada”, tudo deve ser questionado e duvidado. Se não quiser se decepcionar não se comprometa, era a filosofia do ceticismo. Segundo Pirro nada deveria ser levado a sério, não deveríamos confiar em nossos sentidos, aceitar coisas demais – deveríamos nos libertar de todas as preocupações. Como Sócrates, Pirro não deixou nada escrito.

Pense que você é um Príncipe com poder total, governando uma cidade como Florença ou Nápoles, na Itália do século XVI. Suas ordens sendo sempre obedecidas – se quiser prender alguém por ter falado algo contra você ou por suspeitas, você pode fazê-lo imediatamente sem contestação.

Nicolau Maquiavel conceituou que às vezes é melhor quebrar promessas, mentir e matar seus inimigos - um Príncipe tem que “aprender a não ser bom”. O mais importante era manter-se no poder e para isto tudo era aceitável.

O Príncipe, livro de Maquiavel que fala sobre estes pensamentos e atitudes, foi famoso mesmo antes de ser publicado em 1532. Por uns foi considerado o manual dos facínoras e por outros o mais preciso relato já escrito sobre o que acontece na política - muito lido por políticos e magistrados embora não o reconheçam.

Maquiavel entendia que sua filosofia devia ser enraizada naquilo que realmente acontece e exemplificava com histórias recentes em sua época, via-se como um realista, reconhecia que as pessoas eram fundamentalmente egoístas. Foi impressionado por Cesar Bórgia, um implacável homem, filho ilegítimo do papa Alexandre VI, que não se importava em enganar e matar seus inimigos para assumir o controle de grande parte da Itália.

Grandes pensadores e detentores do poder nem sempre entoavam seus cantos sombreados por princípios considerados éticos e morais, pautados pela fraternidade e respeito ao próximo.

Foram atores que marcaram seus tempos e seus feitos podem ser pensados na sociedade hodierna como parâmetros para o que pode ou não pode ser feito.

São, de alguma forma, exemplos que permitem considerações na busca de uma verdade que traga a possibilidade da paz e harmonia entre as diferentes linhas de pensamento, com embates elevados que respeitem limites e promovam o equilíbrio para uma sociedade que deseja ser feliz.

“Pensar por si, sem utilizar o cérebro alheio”, para escrever e publicar são exercícios capazes de permitir registros literários imortais era um princípio contundente de Arthur Schopenhauer.

Assim, a ciência e a filosofia, juntas na literatura, caminham para a eternidade.

Agora, devo, por absoluto compromisso de homenagem e agradecimento, citar os pujantes nomes que fizeram a história da cadeira de número 35 desta Academia Catarinense de Letras.

Acadêmico Martinho José Calado e Silva (1862-1914) é o PATRONO da Cadeira de número 35. Foi jornalista e político brasileiro do Partido Federalista, tendo sido prefeito de Florianópolis de 24 de novembro a 31 de dezembro de 1892. Escreveu no jornal O Dia e foi diretor da Folha do Comercio. Tradutor de espanhol, foi cônsul do Uruguai no Brasil. Martinho José Calado e Silva manteve estreitos laços de amizade com Cruz e Sousa o qual rendeu-lhe uma homenagem em “O Moleque”:

Nunca se cala o Calado

E sempre o Calado, fala

Calado que não se cala

Nunca se cala o Calado

Calado ser, ser Calado

Calado que é tão falado

Nunca se cala o Calado

E sempre o calado fala.

O FUNDADOR da Cadeira de número 35 foi o escritor Acadêmico Haroldo Genésio Calado nascido em 1892 e falecido em 1932.

Pertenceu ao grupo que fundou a Academia Catarinense de Letras. À frente da revolução de 1930 o general Ptolomeu de Assis Brasil nomeou Haroldo Genésio Callado, entre os jornalistas que assumiram a redação do jornal “A República”, extinto órgão oficial do governo anterior.

O PRIMEIRO OCUPANTE da Cadeira de número 35 foi o escritor, Acadêmico Lydio Martinho Callado, filho de Haroldo Genésio Callado, nascido em 1919 e falecido em 2001. Jornalista e advogado formou-se pela Faculdade de Direito de Santa Catarina em 1948. Especializou-se em psicologia no Rio de Janeiro com o professor Mira y Lopes. Foi destacado técnico na área educacional. Lecionou psicologia nas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina. Na política foi secretário geral do Partido Democrata Cristão. Lydio Martinho Callado tem versos publicados nos jornais A Gazeta e o Estado.

O SEGUNDO OCUPANTE da cadeira de número 35, Acadêmico Rodrigo de Haro nasceu em Paris, 6 de maio de 1939 e faleceu em Florianópolis no primeiro dia de julho de 2021, aos 82 anos de idade.

Tenho grande honra e imensa responsabilidade em suceder a Rodrigo de Haro rendendo-lhe especial homenagem. Com ele convivi em Florianópolis, sendo, nos anos 60, vizinho próximo à casa dos seus genitores Martinho de Haro e Maria Palma de Haro, à Rua Altamiro Guimarães número 25 – casa na qual reinava poesia, prosa, música, pintura e escultura. Este foi o berço artístico de Rodrigo de Haro.

Rodrigo de Haro foi descrito magistralmente pelo Acadêmico Presidente Moacir Pereira em seu livro “Rodrigo de Haro – um poeta humanista” o qual recomendo a leitura e que o tenham em suas bibliotecas.

Poeta, intelectual, pensador, mosaicista e artista multifacetado, Rodrigo de Haro, filho do grande pintor clássico Martinho de Haro, teve na poesia sua obra associada ao surrealismo e a um conjunto de poetas que surgiram na década de 1960 em São Paulo. Desde sua juventude a poesia de Rodrigo de Haro tem frequentado importantes páginas na literatura nacional e internacional – São Paulo, Estados Unidos da América do Norte e México, são exemplos.

De enorme potencial criativo, Rodrigo de Haro é autor de todos os cenários do filme sobre Cruz e Souza rodado pelo cineasta catarinense Silvio Bach. Foi também uma das quatro personagens do filme “Uma Outra Cidade” de Hugo Georgetti.

São livros de Rodrigo de Haro:

Trinta poemas – 1961

Taça estendida, 1968;

Pedra elegíaca – 1971;

Amigo da labareda - Poesia. 1991;

Mistério de Santa Catarina – 1992;

Porta – 1992;

Caliban – 1995;

Livro da borboleta verde – 1998;

Andanças de Antônio – 2005;

Poemas – 2011;

Folias do ornitorrinco – 2011

Espelho dos melodramas – 2011

RODRIGO DE HARO

O COZINHEIRO INFERNAL

Não podes desejar quem não devoras.
Não podes desejar se não devoras.
Não podes devorar quem não desejas.

Observo membros sonhados
Numa arena íntima que recuperas
De memória, com precisão de ourives
Escutas o latejar das têmporas
E teus maxilares crispam-se
Enquanto refletas na carne
exposta do amado, para ser consumida
Pulsando ainda entre blocos de gelo.

Não podes desejar quem não devoras.
Não podes desejar se não devoras.
Não podes devorar quem não desejas.

Primeiro coração, carmim absoluto.
Logo o fígado, o ácido pâncreas
Onde os pensamentos sufocados
petrificam-se em jardim de cartilagens.
Mas convém voltar depressa
À epiderme, onde abaixo das clavículas,
inclino-me para morder
Duas rosáceas antes de descer
Rubro e ofegante - até as graças
Da tensa e amável cintura.
Depois de longo tempo, saciado, sob
As frescas copas de qualquer oásis
Irei deitar-me, tendo as garras,
O queixo e o peito negros de sangue seco.
Não podes desejar quem não devoras.
Não podes desejar se não devoras.

Na prosa, entre outros, Rodrigo de Haro escreveu “Ilha ao Luar” e “Hotel Majestic”, com belas narrativas evocando personagens no hotel onde viveu Mario Quintana, em Porto Alegre.

Centenas de obras plásticas, desde pequenos e delicados desenhos até os magníficos e gigantescos murais, nascidos da inquietude espiritual de Rodrigo de Haro, vindas em grande parte da sua linguagem em mosaicos, denotam notável estilo e maestria. Destaco os impressionantes trabalhos ornando a entrada da Universidade Federal de Santa Catarina, o mural na escola municipal Doutor Paulo Fontes em Santo Antônio de Lisboa

e na Igreja de Santa Catarina de Alexandria, todos em Florianópolis constituindo grandes expressões artísticas da cidade.

Finalizo exaltando a sabedoria com que Rodrigo de Haro emprestou seu talento à literatura e artes em geral, com estilo peculiar, impactando pelo colorido exuberante, pela energia de suas mensagens, pela diversificação temática denotando o entusiasmo pela arte do mosaico e a pintura, comprometidos com a cultura e a fé de sua gente. Rodrigo de Haro foi um artista das letras e das construções visuais, capaz de captar a essência da alma.

Trazer mais detalhes da vida e obra de Rodrigo de Haro exigiria horas e horas de incrível imersão na exuberante e completa arte de sua criação.

Agradeço profundamente ao que o berço me deu, a educação e a profissão me fizeram e a sociedade me faz experimentar, indicando os caminhos em pensamentos, palavras e atos, capazes de ensinar um mundo na busca da harmonia, paz a felicidade permanente.

Luiz Alberto Silveira
Nada o amor esconde

Se soubessem de mim, o que saberiam e não sei?
Saberiam das noites em que não tive sonhos?
Dos dias caminhados em que não achei?
E das palavras que não disse, o que deixei?
Meus olhos são janelas que buscam lá fora o que não encontro
Porque no tempo, demais, muito longe fiquei
Venci ondas, enfrentei tormentos
Resisti aos ventos e pensamentos
Rompi meu coração quando percebi dores
Das minhas, nem tanto
Lágrimas chorei na alegria sentida
Do mundo os perfumes e cores
Fiquei do jeito tranquilo, levando blindados porquês
Com defeitos sanados, alguns, em versos e prosa
Com qualidades escondidas nos suores e acenos
Está na mente o que a alma sente
Numa vã busca fora, onde o sentimento não mora
Tornando inútil procurar se não está
Não saberão de mim o que não consigo ver
Nem das insônias que de tantas causas esqueci
Nem do que não achei porque nunca perdi
Mas de todo esforço um encontro se deu
Foi no amor que de mim, nunca, nada escondeu

Muito obrigado aos meus pais Alberto e Lindomar, por onde tudo começou

Muito obrigado aos meus irmãos e minha família mais ampla, muitos aqui presentes, pelo apoio que sempre me emprestaram fazendo-me saber que sempre terei com quem contar.

Muito obrigado a minha amada esposa Mariette, minha colega, minha amiga, meu ombro de apoio e consolo, meu sustentáculo maior,

Muito obrigado aos meus amados filhos, minhas razões de ser e existir e suas famílias: Minha filha Gabrielle e André com os netos Catarine e Matheus, meu filho Lucas e Marcela, meu filho Rafael e Patrícia com as netas Beatriz e Nicole, residindo no distante Canadá.

Muito obrigado aos meus editores de há muito tempo até o tempo deste dia: Prof. Salim Miguel e Odilon Lunardelli (Universidade Federal de Santa Catarina), Nelson Rolim (Insular), Cesar Augusto Vitelli (Vitelli Publisher) e Valmor Fritsche (Dois Por Quatro) que lançará em breve meu novo livro “ENCANTAMENTOS”, uma espécie de passaporte de ingresso nesta, agora também minha, Academia Catarinense de Letras.

Muito obrigado aos meus amigos e colegas.

Todos são mobílias no meu coração e mente e estarão sempre comigo para onde quer que eu me mude.

Obrigado a todos que aqui estão, dando alegria, energia e glamour a esta solene sessão.

Fontes:

O Homem através da ciência – Nelson de Sampaio Mitke

Uma breve história da filosofia – Nigel Warburton

A arte de escrever – Arthur Schopenhauer

Rodrigo de Haro: um poeta humanista – Moacir Pereira

E vários apanhados realizados em homenagem a Rodrigo de Haro